

O AUTO DA COMPADECIDA: UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM CHICÓ E DOS NÍVEIS DE CONHECIMENTO

O AUTO DA COMPADECIDA: AN ANALYSIS OF CHICÓ AND CHARACTER OF THE LEVELS OF KNOWLEDGE

Carolina Soares Hissa¹

Simone Coêlho Aguiar²

RESUMO

O presente trabalho busca contextualizar o conceito de obstáculo epistemológico segundo Bachelard. A utilização do livro de Ariano Suassuna nos permite trazer, utilizando-se do personagem Chicó, a consubstancialização de alguns desses obstáculos epistemológicos e tornar os conceitos desses obstáculos mais compreensíveis. Com o intuito de traçar uma linha lógica e coerente do trabalho aqui apresentado, começar-se-á abordando o conhecimento como a relação entre sujeito e objeto. Em um segundo momento, trabalhar-se-á com as definições acerca dos níveis do conhecimento, desde o conhecimento vulgar, até o conhecimento científico, culminando com os conceitos de obstáculos epistemológicos, na visão, como já fora explanado, de Bachelard. Ao adentrar na análise da literatura nordestina, por meio do "O Auto da Compadecida", busca-se no personagem Chicó a personificação de uma parcela da sociedade brasileira, que tem arraigadas a crença no conhecimento vulgar e religioso, bem como atitudes que exemplificam esses conceitos; tais como o da experiência primeira, do obstáculo verbal e o do conhecimento geral, este último caracterizado pela célebre frase "só sei que foi assim". A metodologia utilizada na elaboração da pesquisa constitui-se em um estudo descritivo-analítico, desenvolvido através de pesquisa do tipo bibliográfica, pura quanto à utilização dos resultados, e de natureza qualitativa. A partir de pesquisas doutrinárias e bibliográficas, considera-se que, não se pretende, com o referido trabalho, questionar os conceitos advindos de Bachelard, mas, simplesmente, torná-los compreensíveis dentro da realidade nordestino-brasileira.

Palavras-chave: O Auto da Compadecida. Obstáculos Epistemológicos. Bachelard.

ABSTRACT

¹ Mestranda em Direito Constitucional pela Universidade de Fortaleza. Especialista em Direito Público e Administração Pública pela Universidade Castelo Branco. Pesquisadora do Centro de Estudos Latino-Americano. Professora de Filosofia Geral, Direito Internacional Público e Direito Internacional Privado na Universidade de Fortaleza.

² Mestranda em Direito Constitucional pela Universidade de Fortaleza. Especialista em Direito e Processo Administrativos pela Universidade de Fortaleza. Consultora Técnica do Tribunal de Contas do Estado do Ceará lotada no Ministério Público de Contas.

This paper seeks to contextualize the concept of epistemological obstacle seconds Bachelard. The use of the book allows us to bring Ariano Suassuna, using the character Chicó the consubstancialização some of these epistemological obstacles and make the concepts easier to understand these obstacles. Aiming to draw a logical and coherent line of work presented here, will begin addressing knowledge as the relationship between subject and object. In a second step, will work with the settings on the levels of knowledge, from the common knowledge, even scientific knowledge, culminating with the concepts of epistemological obstacles, vision, as already explained, Bachelard. By embarking on the analysis of literature from the Northeast, through the "Auto da Compadecida" search on the character Chicó the embodiment of a portion of Brazilian society, which is rooted belief in religious knowledge and vulgar, and attitudes that exemplify these concepts, such as the first experiment, the obstacle verbal and general knowledge, the latter characterized by the famous phrase "I only know it was so." The methodology used in preparing the research is in an analytic-descriptive study, developed through research such as literature, pure as the use of results, and qualitative in nature. From research and doctrinal literature, it is considered that it is not intended, with that work, question the concepts arising from Bachelard, but simply make them understandable in the northeastern-Brazilian reality.

Key-words: Auto's Compassionate. Epistemological obstacles. Bachelard

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca exemplificar por meio da análise do livro de Ariano Suassuna e, utilizando-se do personagem Chicó, a consubstancialização de alguns obstáculos epistemológicos e tornar os estes conceitos compreensíveis. Com o intuito de traçar uma linha lógica e coerente do trabalho aqui apresentado, começar-se-á abordando o conhecimento como a relação entre sujeito e objeto e a forma dialética da relação decorrente entre eles.

Em um segundo momento, trabalhar-se-á com as definições acerca dos níveis do conhecimento, desde o conhecimento vulgar, até o conhecimento científico, para que, posteriormente, sejam-se comentários acerca dos conceitos de obstáculos epistemológicos, na visão de Bachelard. Será realizado, de forma sucinta, uma descrição de cada um dos processos de rupturas que devem ser superados, de acordo com o autor supra citado, para a real aquisição do conhecimento.

Ao adentrar na análise da literatura nordestina, por meio do "O Auto da Compadecida", busca-se o retrato de uma sociedade brasileira específica, que tem arraigadas a crença no conhecimento vulgar e religioso, e que precisam romper com as barreiras impostas por este mundo na busca do desenvolvimento. Analisa-se, com mais afinco, a personagem Chicó, bem como algumas de suas atitudes que exemplificarão os conceitos propostos por

Bachelard; tais como o da experiência primeira, do obstáculo verbal e o do conhecimento geral, este último caracterizado pela célebre frase "só sei que foi assim".

A metodologia utilizada na elaboração da pesquisa constitui-se em um estudo descritivo-analítico, desenvolvido através de pesquisa do tipo bibliográfica, pura quanto à utilização dos resultados, e de natureza qualitativa, tendo como ponto de partida pesquisas doutrinárias e bibliográficas.

Não se pretende, com o referido trabalho, questionar os conceitos advindos de Bachelard, mas, simplesmente, torná-los compreensíveis dentro da realidade nordestino-brasileira e demonstrar que por meio da literatura é possível compreender institutos da epistemologia.

1. CONHECIMENTO COMO A RELAÇÃO ENTRE SUJEITO E OBJETO

A aquisição e desenvolvimento do conhecimento decorrem da relação entre o sujeito e o objeto. Sujeito este que quer conhecer e objeto que será conhecido. Similar dizer que o conhecimento é o modo como o sujeito se coloca diante do mundo e passa com ele a estabelecer relações. Ao longo da história da humanidade muitos foram os modos de se conhecer o mundo, bem como os critérios de verdade e a metodologia foram diversos. No livro intitulado "Cognição, Ciência e vida cotidiana", Humberto Maturana descreve:

Em outras palavras, o conhecimento é constituído por um observador como uma capacidade operacional que ele ou ela atribui a um sistema vivo, que pode ser ele ou ela própria, ao aceitar suas ações como adequadas num domínio cognitivo especificado nessa atribuição (2001. P.128).

Um dos primeiros modos de se conhecer o mundo foi por meio do "mito". O critério de verdade era a fé e a experiência pessoal gera uma relação suprapessoal, onde o divino se manifesta sobrenaturalmente, normalmente nos momentos de dramatização do mito, que nada mais é do que a liturgia religiosa. Verifica-se no mito o desejo de afastar o mal e, assim, proporcionar uma maior segurança ao homem.

Ao se tentar conhecer o mundo utilizando-se a filosofia a relação entre o sujeito e o objeto passa a ser transpessoal e o mundo se manifesta pelos fenômenos e é transmitida por meio da palavra. Procura-se a origem dos problemas e os relacionam-se com outros aspectos

da vida humana. A razão é o critério de verdade utilizado e a dialética, ou seja, o discurso é a metodologia utilizada para a aquisição desse tipo de conhecimento.

Quando a relação entre o sujeito e o objeto decorre da interpessoalidade e tem como enfoque principal a ideologia que foi estabelecida pelas idéias das classes e poderes dominantes, o senso comum passa a ser o modo de se conhecer o mundo e tem como critério de verdade a cultura ética e moral.

Existe ainda a possibilidade de se conhecer o mundo tendo a estética como critério de verdade. O conhecimento aqui desenvolvido não é de um objeto, mas de um mundo específico, o do artista. Aqui a arte é meio e a relação do sujeito com o objeto deriva da percepção da realidade que o autor da obra tenta transmitir e da interpretação e da sensibilidade do observador.

Todos os tipos até agora mencionados foram, de alguma forma e em algum tempo histórico, considerados como um tipo de ciência. Porém atualmente, a palavra ciência é bem mais utilizada para transmitir a ideia do conhecimento validado por meio de um método específico, chamado método científico. (MATURANA, 2001).

Por fim considera-se a ciência como outro meio de conhecer o mundo. Em se tratando deste tópico o critério de verdade passa a ser a experimentação, sempre objetivando a comprovação de uma hipótese ou tese. Neste caso a relação é impessoal, já que o cientista está diante da pesquisa, Prevalece aqui a neutralidade, pois o resultado da experiência não resulta da opinião do realizador da mesma.

O professor Edward O. Wilson entende que ciência é “o empreendimento organizado e sistemático que coleta conhecimentos sobre o mundo e condensa o conhecimento em leis e princípios testáveis.” (1999, p. 50) Para WILSON (1999) nada na ciência – nada na vida, faz sentido sem teoria. Salienta, no entanto, que no contexto diário este termo está eivado de ambigüidade, já que qualquer um pode ter uma teoria, tal afirmação na passa de uma teoria. Mas em relação às teorias científicas há uma grande diferença: “Elas são construídas especificamente para serem demolidas caso se revelem falsas, e se assim destinadas, quanto mais cedo melhor. “Faça seus erros logo” é uma regra na pratica da ciência.” (WILSON, 1999, p. 50)

Hugo de Brito Machado Segundo (2008, p. 23) ressalta ainda que a ciência encontra-se hoje em sua terceira fase. “Inicialmente descritiva, e em seguida compreensiva-explicativa, a ciência é hoje prescritiva.” Com amparo na lição de Arnaldo Vasconcelos,

Machado Segundo explica que o propósito atual da ciência não é descrever a realidade. Mas alterá-la.

A ciência não tem objeto fixo, qualquer problema pode ser abordado cientificamente sempre que envolva conhecimento. Na verdade, segundo BUNGE (1996, p. 39) o que caracteriza a ciência não é uma esfera de objetos sim um método. Popper, aduz que ao contrario do que acreditavam os positivistas modernos, a ciência não é feita de um sistema de conceitos, mas de um sistema de enunciados. Nas palavras de JAPIASSU (1979, p.15) por ciência “no sentido atual do termo, deve ser considerado o conjunto das aquisições intelectuais, de um lado, das matemáticas, do outro, das disciplinas de investigação do dado natural e empírico.”

Ressalte-se que o processo de conhecimento é dialético. Ele é a constante ida e vinda entre o conhecimento concreto, que ocorre quando o sujeito estabelece uma relação individualizada com o objeto, e o abstrato, este quando a relação é com um objeto geral ou universal. É esta dialética que, nunca tem fim, que desenvolve a humanidade e revela as riquezas e diversidades do mundo.

2. NÍVEIS DE CONHECIMENTO

Pelo conhecimento (BRAGA, *on line*) o homem penetra as diversas áreas da realidade para dela se apropriar, situando cada ente, fato ou fenômeno isolado dentro de um contexto ou sistema mais amplo, em que se vislumbre seu significado e função, sua origem e estrutura fundamental.

O conhecimento pode ser compreendido sob quatro aspectos ou divisões: O conhecimento teológico, filosófico, o popular e o científico. Cada um possui características próprias e uma verdade correspondente. Ressalte-se que o conhecimento popular, também denominado empírico, possui uma característica de ser assistemático, ou seja, de não possuir uma ordem estabelecida para a aquisição do conhecimento; já os outros três são sistemáticos.

A propósito, Arnaldo Vasconcelos em artigo nomeado de *Que é uma teoria jurídico-científica?*, ressalta a importância e o significado das teorias do conhecimento científico.

Com efeito, diante do advento de uma nova teoria, que por princípio é sempre superior àquela que no momento se encontra em uso, não se pode conceber continuem as coisas a ser feitas pelo modelo da teoria velha, então tornado obsoleto.

Passa-se a utilizar a nova teoria, inicia-se mais um processo de mudança da realidade (2001, 27-45 § 10).

O conhecimento popular ou comum tem por característica ser obtido casualmente, após constantes tentativas, por ações não planejadas. É o que se conhece mediante o uso da técnica da tentativa - erro. Inúmeras vezes são transmitidas às gerações futuras por meio da educação informal, como por exemplo, o ato da mãe ensinar seu filho a amarrar os sapatos. Por ser muito limitado, pois os indivíduos ao receberem estas informações, pouco questionam ou, até mesmo, não questionam de forma alguma, é que o conhecimento empírico é espontâneo adquirindo-se por meio do trato direto com as coisas e os seres humanos.

Já o conhecimento denominado filosófico advém da reflexão humana. Busca-se a compreensão do universo e dos fenômenos que não cabe à ciência explicar. Neste tipo de conhecimento os conceitos gerados são subjetivos. Tem como ponto de partida hipóteses que não podem ser submetidos à experimentação, seus produtos não podem ser confirmados nem refutados, a razão é o fator determinante na produção do conhecimento ora abordado e por conta desta característica seus enunciados são infalíveis, haja vista a impossibilidade de experimentação comprobatória. A procura é pelo que é mais geral, interessando-se por um conceito uno do universo, deste modo as leis universais são amplamente utilizadas para harmonizarem suas indagações.

Considerado aliás como imagem de um saber filosófico, o conhecimento sensível parece satisfazer, com efeito, à exigência de constatação e de evidência a que, sem dúvida, nenhuma filosofia aceitaria se subtrair inteiramente. Contudo, o modo pelo qual esta exigência é entendida é tão variável que bem poderia construir um dos traços mais marcantes de cada estilo filosófico. (GRANGER, 1989, p.30)

O Conhecimento religioso ou Teológico é aquele revelado pela fé em algo divino e superior. Não se pode negá-lo ou confirmá-lo, pois a fé e a moral que o indivíduo deposita na crença religiosa são incontestáveis e absolutas. Linard Filho tece comentário acerca da importância da busca pelo conhecimento e como o conhecimento religioso teve seu momento de preponderância ante o conhecimento científico.

A relação da ciência com outras formas de conhecimento não só é admitida como tem se mostrado benéfica. Importante e até audacioso passo neste sentido, para o contexto da época, foi dado por Santo Agostinho, o qual não negou a relação da ciência com outras formas de conhecimento, no caso, com o religioso. Este, à época e à luz daquele, preponderava sobre o conhecimento científico. Para o mesmo doutrinador, a Teologia era a verdade, que era complementada pela ciência (busca pela verdade). Oito séculos depois, Santo Tomás de Aquino, reconhecendo a

relação, inverte apenas os pólos, considerando à fé suplemento da ciência. (2009, p.206).

Finalmente, chega-se ao conhecimento científico é racional por concepção, utiliza-se de procedimentos científicos e se concentra na busca constante das respostas para os acontecimentos. Sua origem concentra-se nos procedimentos de comprovação da metodologia científica. Em outras palavras o conhecimento científico lida com fatos e suas proposições ou hipótese tem sua veracidade ou falsidade identificada na experimentação, sendo esta ordenada logicamente por uma teoria e devem ser comprovadas, pois caso não sejam não pertencem ao campo da ciência. A cientificidade do conhecimento não é absoluta, portanto é falível, pois novas teorias e experimentos podem romper com um conceito científico anterior.

O conhecimento científico é um conhecimento apreendido através da racionalidade, que procurou superar o conhecimento mítico e o senso comum. Para WARAT (1995, p. 370) o conhecimento científico aparece em uma ciência, formulado num conjunto de enunciados. Ressalta, no entanto que o conjunto de enunciados que integra o discurso científico apresenta uma série de propriedades, relações internas e conexões com o mundo, que o diferencia de outros tipos de enunciados ou discursos. Segundo REALE (1978, p. 28) o instrumento do conhecimento científico no Direito são as “tipificações sociais, isto é, modelos de comportamentos obrigatórios.”

MORIN (2005, p. 23) aduz que “o conhecimento científico é certo, na medida em que se baseia em dados verificados e está apto a fornecer previsões concretas. “ Isso não significa, no entanto, que o progresso das certezas científicas caminhe na direção de grande certeza.

Ao discorrer sobre conhecimento Kuhn explica que “quando falo de conhecimento baseado em exemplares partilhados, não estou me referindo a uma forma de conhecimento menos sistemática ou menos analisável baseado em regras, leis ou critérios de identificação” Pelo contrário Kuhn tem em mente “uma forma de conhecimento que pode ser interpretada erroneamente, se a reconstruirmos em termos de regras que primeiramente são abstraídas de exemplares e que a partir daí passam a substituí-los.” (1994, p. 237)

Importante destacar que a ciência não é o único caminho que leva ao conhecimento e à verdade. O que diferencia o conhecimento científico dos demais é a forma que o observador se utiliza na busca pelo aprendizado. A diferença entre o conhecimento científico e o

filosófico encontra-se no meio de constatação das hipóteses. A primeira busca o experimento, a segunda a razão. Em se tratando do conhecimento empírico e do científico, a diferença encontra-se na forma desordenada e dispersa como o conhecimento popular é produzido.

3. OBSTÁCULOS EPISTEMOLÓGICOS

A terminologia “Obstáculos epistemológicos” foi criada por Bachelard, para descrever as situações que levam o indivíduo a retardar ou mesmo bloquear a aquisição do conhecimento. Estes obstáculos não são considerados como externos, eles aparecem no próprio âmago da busca pelo conhecimento, que surgem por meio das dúvidas, conflitos, ou seja, dos mais diversos questionamentos inerentes aos seres humanos. “No fundo, o ato de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização.”(1996. P.17).

A teoria bachelardiana defende que a ruptura epistemológica ocorre, além das teorias que venham a se suceder entre si, entre a experiência e a construção teórica. Assim, a ciência perde a aparência de continuidade e concentrando-se nos constantes conflitos dos métodos, sendo “[...] o risco, a imprudência, a razão inquieta [...]” os únicos requisitos inerentes a todas as ciências. (PAIVA, 2007, p.20). Ainda nas palavras de Paiva:

[...] Essa nova epistemologia, ao refletir sobre uma ciência que constrói seu objeto transcendendo a imediatividade e a evidência do real, admite que a ciência é sempre um saber inacabado que questiona permanentemente os parâmetros de sua própria constituição, deixando-se invadir pelo inédito, pelo ainda não pensado. [...] Seu lema é não: não aos pontos fixos, às verdades instituídas, aos métodos anacrônicos, aos hábitos intelectuais que se cristalizaram. Essa é uma razão criadora, intrinsecamente ligada à capacidade humana de imaginar. [...]. (2007, p.21).

Bachelard concentra seus postulados na negação do empirismo e do racionalismo clássicos, tendo como espinha dorsal a “filosofia do não” como instrumento elementar para a ruptura epistemológica. Estas rupturas ocorrem na medida em que o indivíduo vivencia certas experiências; experiências essas que e o mesmo define como sendo: a experiência primeira, o conhecimento geral, o obstáculo verbal, o conhecimento unitário e pragmático, o obstáculo substancialista, o obstáculo animista, o mito da digestão, o conhecimento objetivo e a libido e

o conhecimento quantitativo. Discorrer-se-á acerca desses conhecimentos de forma superficial, concentrando-se, posteriormente, naqueles inerentes ao texto de Ariano Suassuna.

Pela experiência primeira, tem-se como objetivo criar uma resistência contra a Natureza. Simplesmente o fato de descrevê-la já é um modo de ruptura. De acordo com Bachelard, essa experiência é aquela colocada acima da crítica e é anterior a ela. *O espírito científico deve formar-se enquanto se reforma. Só pode aprender com a Natureza se purificar as substâncias naturais e puser em ordem os fenômenos baralhados.* (1996, p. 29).

O conhecimento geral é uma suspensão da experiência. Conhecer o geral e se utilizar do mesmo para tudo justificar, gera um bloqueio natural à aquisição do conhecimento. Tudo o que é geral é superficial e tende a ser utilizado por todos como forma de demonstrar superioridade ante aos que não possuem conhecimento algum. A utilização constante dessa generalidade converte-se em senso comum, sendo esta uma maneira que o homem utiliza-se para interpretar a si mesmo e o mundo ao seu redor.

O Obstáculo verbal é a justificativa inverídica, é a utilização de uma palavra que por si só o orador crer ser explicativa e suficiente para atingir ao objetivo do que fora questionado. Tenta explicar o pensamento por meio de um conceito ao invés de pensar na explicação do que venha a ser este conceito.

Outro obstáculo descrito por Bachelard é o chamado conhecimento unitário e pragmático. A unidade é um princípio que sempre foi desejado para o espírito pré-científico que fazia com que as diversas atividades naturais se tornassem manifestações de uma só Natureza. As analogias não ajudam nenhuma pesquisa, ao contrário, as comparações tendem a provocar fugas de idéias, impedem a curiosidade. Trata-se da crença numa unidade harmônica do mundo que leva ao estabelecimento de uma exaltação bem característica da mentalidade pré-científica.

No caso do conhecimento pragmático, a utilização é o eixo do pensamento e se a mesma for clara sua explicação será suficiente. Ocorre que este modo de vislumbrar as coisas se torna perigoso, pois as explicações fundadas na utilização não são completas e sempre geram novos questionamentos.

No que concerne ao obstáculo substancialista, este é um dos mais difíceis de ser superado, pois se funda numa filosofia fácil. É a explicação repetitiva das propriedades por meio da substância; necessidade de explicação minuciosa, sintoma dos espíritos não científicos que pretendem nada negligenciar e dar conta de todos os aspectos da experiência

concreta. É um obstáculo constituído por intuições dispersas e opostas, aproveitando-se dos artifícios da linguagem. Condensam-se num só objeto todos os conhecimentos em que esse objeto desempenha um papel sem se preocupar com a hierarquia dos papéis empíricos.

A crença no caráter universal da vida, conceituado como animista, tende a gerar exageros quando se analisam casos concretos. “Os fenômenos biológicos só nos interessarão, portanto, nos campos em que sua ciência falha, em que essa ciência, com maior ou menor garantia, vem responder a perguntas que não lhe são feitas”. (1996, p. 185).

No que tange ao conhecimento quantitativo como um obstáculo epistemológico, Bachelard (2005) diz que o lembra que um conhecimento objetivo imediato, só pelo fato de ser qualitativo, já é falseado, e traz consigo um erro que necessita ser corrigido, pois tinge o objeto cognoscível de subjetividade, a qual necessita ser eliminada. O epistemólogo (1996, p. 259) aqui em destaque afirma que seria enganoso supor que “o conhecimento *quantitativo* escapa, em princípio, aos perigos do conhecimento qualitativo. Afirma, ainda, que o excesso de precisão está para o caráter quantitativo, como o excesso de pitoresco para o qualitativo.

Para finalizar ainda são considerados obstáculos epistemológicos a Libido e o chamado mito da digestão. No primeiro constata-se que o nascimento constitui para a criança um mistério. Por ser misteriosa, e os pelos pais sempre tentarem escondê-la, a criança tende a tentar desvendá-la. O mesmo acontece quando se busca o conhecimento. Sampaio em seu trabalho intitulado “Obstáculos epistemológicos no processo de ensino jurídico” explica que:

A libido é o obstáculo presente, quando a afetividade interfere no estudo do objeto. Para apresentá-lo, Bachelard (1984) traz um exemplo na sua atividade de professor de química, em que, na experiência realizada através da reação de um ácido com uma base, grande parte dos alunos atribuiu o papel ativo ao ácido (masculino) e o passivo à base (feminino). (2008, p.133).

A digestão é descrita por Bachelard (1996) como uma posse se inatacável segurança. Relata que é a origem do mais forte realismo e da mais abrupta avareza. Cardozo (*on line* p.24) diz que a fome precede um estômago vigoroso, que deve sentir apetite antes de possuí-lo. Numa concepção pré-científica, o planeta Terra é visto como um grande aparelho digestivo, que acaba servindo de estômago para os vegetais e alguns animais. “Essa idéia de uma Terra nutritiva sugere uma terra maternal, refúgio do homem em busca do mistério.”(p.24). Ou seja, a própria existência terrena sugere um mistério, mistério este que cabe ao indivíduo buscar desvendar.

4. O AUTO DA COMPADECIDA

A obra de Ariano Suassuna tem como local o Nordeste, retrata seu povo, quer seja por meio de seu linguajar – que utiliza vocábulos próprios dos nordestinos, bem como se utiliza do método da literatura de cordel -, quer sejam pelas características físicas descritas ou quer seja pela crença na religião tão exarcebada nessa região do Brasil..

Todo o desenrolar do texto-teatro tem como ápice o julgamento das personagens por seus atos cometidos em vida. Neste momento várias tradições e crenças são postas à prova para os participantes, que tem que lidar com as novas perspectivas apresentadas e, principalmente, com a quebra de preconceitos, haja vista, ser negro Jesus Cristo, ser o Diabo o promotor de Justiça e Nossa Senhora a advogada de defesa. Além disso, o julgamento é coletivo, todos participam e opinam durante a análise de cada uma das personagens, caricaturando, também, o procedimento realizado nos Tribunais brasileiros.

O livro bem retrata as características básicas do nível de conhecimento popular, pois sua linguagem é simples, acessível, desprovida do conhecimento tecnicista, embora enfoque pontos de suma relevância para aqueles que estudam a literatura brasileira, as questões religiosas pelo autor levantadas, o perfil da sociedade retratada, ou seja, nas palavras de Cristiane de Vargas (2002, p.116) “o texto de popularização científica caracteriza-se, principalmente, por uma linguagem mais próxima do cotidiano e, conseqüentemente, mais familiar ao leitor leigo.”.

Constata-se assim, que o uso de figuras de linguagem, bem como o emprego de termos próprios da linguagem coloquial são necessários para aproximar o leitor não-cientista das questões levantadas pelo autor. São mecanismos e garantirão a compreensão do conteúdo pelo leitor.

Adentrar-se-á no conteúdo da obra com o intuito de demonstrar que através de uma leitura leve e descompromissada dos propósitos científicos, poder-se-á compreender termos específicos da epistemologia. Na presente literatura é possível verificar a questão dos níveis de conhecimento, em especial o conhecimento vulgar e religioso, bem como a existência dos obstáculos a serem superados para a aquisição do conhecimento ou da evolução deste conhecimento; utilizando-se aqui, da terminologia adotada por Bachelard.

Para se analisar a sociedade retratada na obra em questão se faz necessária a definição do que venha a ser sociedade. Para Bunge (1980) a sociedade humana pode dividir-se em três: a individualista, a globalizada e a sistêmica. Para o autor a sociedade aceita e

determinante é a sistêmica, pois a sociedade é muito mais que um conjunto de indivíduos, é bem mais que os indivíduos e suas propriedades, a sociedade é um sistema de indivíduos que se relacionam entre si. A concepção sistêmica, de acordo com Bunge (1980, p.167), “combina os traços positivos de seus rivais, em particular o rigor metodológico do individualismo com a insistência globalista na totalidade e a emergência”.

No caso do livro em análise, o Suassuna se utiliza de situações humorísticas para falar se assuntos como a miséria humana, a mesquinha das pessoas, o racismo e a luta pelo poder. São Encontradas informações complementares acerca dos costumes regionais, o caráter religioso e católico dos cristãos que realçam e delimitam o cenário e a sociedade retratada pelo autor.

Em “Auto da Compadecida” as situações se passam no interior do estado da Paraíba, onde as pessoas não possuem elevado grau de ensino e sustentam as relações entre classes sociais com base no coronelismo, no poder e na religiosidade da Igreja Católica. “Chamarei de religiosidade nossa capacidade para captar a dimensão sacra do mundo. Embora não seja ela uma capacidade que é comum a todos os homens, é, não obstante, uma capacidade tipicamente humana”.(VILÉM, 2002, p.16). Os personagens são extremamente tementes à Deus, incluem-se desde o coronel ao cangaceiro, e preservam os ensinamentos divinos sem questionamento. A aceitação de suas condições humanas, bem como a falta da necessidade de buscar a ruptura dos conflitos são presentes em todo o corpo do texto e repetidamente dita por Chicó em sua célebre frase “só sei que foi assim”.

No livro Chicó é o melhor amigo e companheiro constante de João Grilo, sendo o último, personagem central da obra de Suassuna. Chicó envolve-se nas aventuras em busca do sucesso de João Grilo e é seu parceiro, mais por solidariedade do que por convicção íntima. Mas é um amigo leal.

Chicó não possui tanta malícia quanto seu amigo João Grilo e muito menos se considera um homem forte. Quando questionado por Grilo se não era homem para reagir em defesa das ofensas ditas pelo padre, Chicó responde *Eu sou homem mas sou frouxo*. (1993, p.80). Demonstrando, assim, toda a covardia que lhe era característica.

Em um momento posterior também, se pode constatar o medo e a covardia da personagem; é quando a personagem Severino chega à cidade para assaltá-la e resolve matar todos que se encontram na igreja. João Grilo, que por outro motivo tinha combinado de Chicó amarrar uma bexiga de cachorro cheia de sangue na barriga, aproveita o ensejo para

demonstrar que possuía uma gaita abençoada por Padre Cícero e tenta esfaquear Chicó. Este sem lembrar-se do combinado e temendo a morte que se aproximava demonstra que não quer levar a facada e chaga a propor uma inversão de papéis ao amigo. Grilo astutamente o esfaqueia e o manda fingir-se de morto.

Quando Chicó “retorna” do plano espiritual, descreve o céu, informando, inclusive, que se encontrou com Nossa Senhora e com Padre Cícero rodeado de anjos. Diz que recebeu uma mensagem do Padre Cícero pedindo que a gaita fosse repassada à Severino para que o mesmo tivesse a oportunidade de conhecê-lo antes de sua morte definitiva. Severino, convence-se e quer ter esta experiência, assim como Chicó. Neste momento verifica-se que Severino rompe os obstáculos da experiência primeira e do conhecimento geral, pois a descrição da situação descrita por Chicó o faz buscar por sua constatação.

Após a descrição de Chicó pode-se traçar um paralelo entre o comportamento da personagem e os temas epistemológicos tratados anteriormente. Ao analisar o desenvolvimento da fala e crença da personagem, verifica-se que a mesma se utiliza de dois tipos de conhecimento: o popular e o religioso ou teológico. O primeiro possui como característica ser superficial, sensitivo, subjetivo, assistemático e acrítico; já o segundo apóia-se em aspectos valorativos, inspiracional, infalível, exato e sistemático.

Vislumbra-se a presença do conhecimento popular nas inúmeras vezes que Chicó tenta explicar como os “causos” por ele contados se justificam. Sempre que precisa argumentar acerca de uma mentira contada sempre responde com a frase “Não sei. Só sei que foi assim”, e a partir dela acha que foi suficiente toda a explanação dada. Existe um episódio onde os dois amigos vão tentar convencer o padre a benzer o cachorro morto da mulher do padeiro e ambos não sabem, ou, em um primeiro momento, crêem, na possibilidade da realização do pedido da dona do animal.

JOÃO GRILO – Não vai benzer? Por quê? Que é que um cachorro tem de mais?

CHICÓ – Bom, eu digo assim porque sei como esse povo é cheio de coisas, mas não é nada de mais. Eu mesmo já tive um cavalo bento.

JOÃO GRILO – Que é isso Chicó? (*passa o dedo na garganta*) Já estou ficando por aqui com suas histórias. É sempre uma coisa toda esquisita. Quando se pede uma explicação, vem sempre com “não sei, só sei que foi assim”. (1993, p.26)

Neste tipo de conhecimento que Chicó tenta transmitir ao colega, vê-se que Grilo tenta romper com o obstáculo verbal, pois a simples reprodução da frase de Chicó não satisfaz aos questionamentos do amigo. Zilles traz em livro Teoria do conhecimento a seguinte referência no que tange ao acima exposto:

O saber ordinário ou senso comum exprime, assim, um saber de uso e um saber significativo da realidade. Muitas vezes deve ser superado, substituído pelo científico, contudo permanece no povo o nível significado, evocando uma sabedoria de vida, sem a qual todo o saber científico perde seu fundamento existencial. (2006, p.231).

Quando o livro tató a mulher do padeiro como oferecida, em virtude da mesma sair com vários homens, mesmo sendo casada na igreja, encontra-se um segundo exemplo da manifestação do conhecimento popular. Severino (1993, p.111) diz que “vergonha é uma mulher casada na igreja se oferecer desse jeito. Aliás já tinha ouvido falar que a senhora enganava seu marido com todo mundo.” Note-se a presença das características do conhecimento popular como a superficialidade, pois há a conformação apenas com a aparência das coisas e a falta de senso crítico, pois os fatos, verdadeiros ou não, não se manifestam de uma forma crítica.

Constata-se que o conhecimento vulgar é o que move a sociedade descrita por Suassuna. Vê-se nos dois exemplos mencionados que apesar do conhecimento vulgar não se confrontar com o científico, este não pode se utilizar daquele com o intuito de criar algo novo. O conhecimento vulgar sabe como a “coisa” funciona, mas não sabe o porquê. O “olho” é o principal órgão desse conhecimento. O conhecimento do povo na perspectiva de Braga é assim definido:

Também chamado de vulgar, é o conhecimento do povo, obtido ao acaso, a partir da observação dos acontecimentos e das relações do mundo material exterior, pela qual o homem toma consciência das experiências alheias, incorporando, principalmente pela tradição, o legado das idéias transmitidas de geração a geração. É o conhecimento da cultura popular.

Pelo conhecimento empírico o homem simples conhece os fatos e as coisas em sua ordem aparente, por experiências feitas ao acaso, sem método, e por investigações pessoais feitas ao sabor das circunstâncias da vida. (*on line*).

Encontra-se na literatura em estudo passagens onde o conhecimento popular sofre influência da religião, “temos a chamada “mentalidade média”, que é a visão radical sacralizada. Quando se assenta na opinião comum a todas as pessoas, falamos do “senso comum”.”. (BRAGA, *on line*). No trecho onde Chicó (1193, p.30) avisa que *hora de se chamar padre é a hora da morte*, verifica-se com precisão o que Braga explicita. Ou seja, a religiosidade está inserida no contexto social daquela comunidade que o senso comum acredita ser extremamente necessária para se ter uma morte tranqüila a presença do padre, ou representante religioso, e a extrema união por ele proferida.

Outro conhecimento marcante no livro é o tido como teológico ou religioso. Neste conhecimento a fé é uma atitude implícita a um conhecimento revelado, que é exato, infalível e indiscutível, pois advém do sobrenatural. Peter Knauer, em obra denominada “Para compreender nossa fé”, explana que entende por fé “a certeza de ter comunhão com Deus, ou seja, que nos sabemos assumidos na relação de Jesus com Deus. A fé se refere à Palavra de Deus; vem de Deus e é “sobrenatural”. Ter fé consiste em estar repleto do Espírito Santo.” (1989, p.203).

Quando Chicó faz uma promessa, de doar para a igreja todo o dinheiro que fora ganho por meio do testamento do cachorro, à Nossa Senhora, ele está na esperança que João Grilo ressuscite, ou seja, a personagem encontra-se na busca por um milagre. Brandão (1986, p.131) assim conceitua o termo milagre: “O milagre é o aviso mais visível e mais acreditado entre os poderes do sobrenatural. Se, à sua maneira, ele serve para medir a crença comunitária no vigor de Deus e naverdade da fé, nada é mais forte do que as religiões dos fracos, do povo”.

Este milagre que a personagem se refere é o milagre da vida. A volta de João Grilo ao mundo terreno foi uma ruptura na crença que Chicó possuía. Existia um obstáculo ao conhecimento que fora rompido. De acordo com Bachelard, a crença na vida e no desenvolvimento desta é um obstáculo animista que precisa ser quebrado, pois a crença no caráter universal da vida pode ocasionar exageros incriveis quando verificada em casos concretos. Vida torna-se uma palavra mágica, valorizada. Qualquer outro princípio perde relevância quando se pode nomear, primeiramente, um princípio vital.

As concepções que temos do mundo que nos foram transmitidas por indivíduos e que se passa a crer como verdadeiras são tidas como conhecimentos gerais. No livro todos da cidade tem ciência de que Severino de Aracajú, cangaceiro perigoso e temido, é uma pessoa sem fé e sem princípios ou educação. Quando o mesmo adentra a cidade com o propósito de assaltar a igreja, esses conceitos começam a ser quebrados. Primeiramente, Severino trata o Bispo por Vossa Reverendíssima (1993, p.108), pedindo licença para retirar o dinheiro de seu bolso. Posteriormente, condena a postura da mulher do padeiro, em traí-lo, com base nos princípios da igreja católica (1993, p.111); depois informa que tem por princípio matar somente com motivo e que até a presente data só havia matado para roubar (1993, p.113). Finalmente, encontra-se a demonstração da fé incondicional que Severino possui: a crença em Padre Cícero.

CONCLUSÃO

A leitura de “Auto da compadecida” permite a inserção dentro da mais típica cultura nordestina brasileira, e nela pode-se verificar a presença de inúmeros institutos objetos de estudo da epistemologia. Ao analisar a obra de Ariano Suassuna, constata-se que a personagem Chicó retrata uma parcela da sociedade, parcela essa fundada nos conhecimentos popular e religioso, onde a necessidade da experimentação não se torna relevante. Isto decorre do fato de que a simples afirmação se torna bastante e suficiente para a reprodução e propagação da idéia, passando esta a ser considerada como uma verdade absoluta.

A busca pelo conhecimento e a ruptura aos obstáculos pré-concebidos levam as personagens a mudanças que refletem na evolução do indivíduo. Evoluindo como indivíduos desenvolvendo ou adquirindo conhecimento. Ressalte-se que todo conhecimento tem seu valor e retrata o momento histórico de vivido por cada sociedade. Em “Auto da Compadecida” sobressaem-se os conhecimentos que são disseminados pelos membros da Igreja Católica e dos coronéis, que determinam o que é e o que não é aceitável.

Porém com os personagens João Grilo e Chicó, Suassuna, retrata a possibilidade de rompimento dos indivíduos com o que está posto. Como visto, em inúmeras situações, estes personagens movimentam a história com suas vivências e acabam por incitar a curiosidade dos demais e a necessidade de buscar a confirmação do que é dito pelos amigos.

Conclui-se com o presente trabalho que a interdisciplinaridade entre a literatura e a Epistemologia, proporciona a compreensão de institutos tão complexos por meio de uma leitura simples e prazerosa. E que os assuntos epistemológicos, aqui apresentados, são facilmente encontrados na literatura nacional.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Tradução de Estela dos Santos Abreu – Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRAGA, Wladimir Flávio Luiz, **O CONHECIMENTO**. Disponível em: <http://www.fdc.br/Arquivos/Artigos/14/OConhecimento.pdf> . Acesso em 03 jun 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular.** 2.Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BUNGE, Mario. **Epistemologia: curso de atualização.** Tradução de Cláudio Navarra – São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

_____. **La ciencia. Su método y su filosofía IN: Metascientific Queries.** Springfield, Ill. Charles C. Thomas, 1959.

_____. **Ética, ciência y técnica.** Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1996.

CARDOZO, Walter. **Os Obstáculos Epistemológicos, segundo Gaston Bachelard.** Disponível em: http://www.mast.br/arquivos_sbhc/18.pdf . Acesso em 20 jun 2010.

GRANGER, Gilles-Gaston. **Por um conhecimento filosófico.** Tradução de Constança M. Cesar e Lucy Moreira Cesar – Campinas, SP: Papirus, 1989.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979

KNAUER, Peter S. J. **Para compreender nossa fé.** Tradução de Atílio Cancian – São Paulo: Loyola, 1989.

LINARD, José Hugo de Alencar Filho. Aspectos do conhecimento científico, com crítica ao (jus) positivismo. *In* **Temas de Epistemologia Jurídica.** Coordenação Arnaldo Vasconcelos; Nilsiton Rodrigues de Andrade Aragão e Renata Neris Viana, organizadores. – 1ª edição – Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2009.

MACHADO SEGUNDO, Hugo de Brito. **Por que dogmática jurídica?** Rio de Janeiro: Forense, 2008.

MATURANA R.,Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Ed. Revista e modificada pelo autor. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PAIVA, Rita. *Gaston Bachelard: a imaginação na ciência, na poética e na sociologia.* São Paulo: Annablume, 2007.

REALE. Miguel. **Estudos de filosofia e ciência do direito.** São Paulo: Saraiva, 1978.

_____. **Verdade e conjectura.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. **Lições Preliminares de Direito.** 2ª edição, São Paulo: José Bushatsky - editor, 1974.

SAMPAIO, Francisco Alberto Leite. Obstáculos epistemológicos no processo de ensino jurídico. *In: Rev. Humanidades*, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 124-139, jul./dez. 2008.

SUASSUNA, Ariano.**Auto da Compadecida** – 27.ed. – Rio de Janeiro: Agir, 1993.

VARGAS, Cristiane Fuzer de. A Divulgação Científica e os Níveis de Conhecimento. *In: Vidya.* V.21, n.37, jan/jun, Santa Maria, 2002.

VASCONCELOS, Arnaldo. Que é uma teoria jurídico-científica?. *In Revista da OAB-CE*, ano 27, n.4, jul-dez/2000, p.27-45.

VILÉM, Flusser. **Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade**. São Paulo: Escrituras, 2002.

WARAT, Luis Alberto. **Introdução geral ao direito II A epistemologia jurídica da modernidade**. Tradução de Jose Luis Bolzan de Moraes. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor ,1995.

WILSON, Edward Osborne. **A unidade do conhecimento: seria a ciência capaz de explicar tudo?** Tradução Ivo Koryotowski. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento**. 5.ed.-Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.